A EDUCAÇÃO INFANTIL E SUA IMPORTÂNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DESDE A TENRA IDADE

AMANDA BRITO PEREIRA

RESUMO

Esse artigo pretende buscar reflexões a respeito da educação infantil e a sua importância desde a tenra idade. Os primeiros anos de vida do ser humano são fundamentais para o desenvolvimento futuro das habilidades requeridas, por isso a fase infantil deve e exige ser estimulada em todos os sentidos, criando e gerando aprendizados que no futuro a vida será fundamental para o tempo de vida. A educação infantil é a qual a criança recebe nos primeiros anos de vida (0 aos 5 anos), esta é uma etapa muito importante no desenvolvimento da criança, pois influencia no desenvolvimento das habilidades físicas e/ou psicológicas, promove a criatividade, é ensinado a ser autônomo e autêntico; aspectos que servirão para se abrir no mundo por conta própria. A Educação Inicial é um direito da criança; é o direito de receber educação, e quando se trata de crianças pequenas, aparece relacionado o aspecto da educação, uma educação de qualidade que, numa perspectiva pedagógica, ajudará não só a criança, mas também sua família, a compreender as necessidades físicas e psicológicas do bebê. Não podemos esquecer que o empenho do pessoal docente e de apoio no cumprimento dos propósitos que foram planeados é muito semelhante ao da família, não a substitui, mas sim a complementa.

Palavras-chave: Educação; Habilidades; Perspectiva Pedagógica.

INTRODUÇÃO

Os primeiros anos de vida são fundamentais para o desenvolvimento integral da pessoa e definem a capacidade de meninas e meninos de serem cidadãos saudáveis, responsáveis e produtivos para si mesmos, suas famílias e a sociedade. Portanto, é importante garantir que eles tenham um parto saudável, consigam apego seguro, tenham estado nutricional adequado, alcancem comunicação verbal efetiva, aprendam a andar sozinhos, regulem suas emoções e comportamentos e desenvolvam a capacidade de representar suas experiências.

A criança é um ser completo, num contexto historicamente definido, conhecendo o verdadeiro papel que exerce em sua família e na comunidade, é possível compreender melhor a linguagem, as ações, sentimento, reações e possibilidades de seu desenvolvimento (AROEIRA, 1996, p. 21).

Meninas e meninos são seres únicos que, desde o nascimento, vivenciam um processo de descoberta de suas capacidades e potencialidades que lhes permitem atuar na vida. São seres sociais porque fazem parte de uma família e se desenvolvem em um determinado contexto social e cultural.

O Estado e a sociedade devem reconhecer e garantir seus direitos para ampliar suas capacidades e oportunidades.

A intervenção atempada e adequa-

da nos primeiros anos de vida reduz o risco de doença, abandono escolar, criminalidade e ajudas estatais através de programas sociais. Ressalta-se que o desenvolvimento da criança como fundamental nos primeiros anos de vida escolar.

Resgatar uma infância com alma, com essência com significado, aquela na qual os pequenos e simples momentos, gestos, atitudes, saberes, brinquedos, contos, historias, pinturas produções toques e olhares sejam significativos, valorizados (FRIEDMANN, 2005, p. 11).

Estudos neurológicos mostram que os primeiros anos desempenham um papel fundamental no desenvolvimento do cérebro de uma criança. Os bebês começam a aprender coisas sobre o mundo ao seu redor muito cedo, inclusive durante os períodos pré-natal, perinatal (imediatamente antes e depois do nascimento) e pós-natal.

As primeiras experiências de uma criança, os vínculos que ela forma com seus pais e suas primeiras experiências educacionais afetam profundamente seu futuro desenvolvimento físico, cognitivo, emocional e social.

A criança é um todo orgânico, físico e psicológico. A educação infantil coloca como seu objetivo-síntese o desenvolvimento integral da criança compreendendo com isso, os aspectos físicos, cognitivos e afetivos de sua personalidade (DIDONET, 1991, p. 93).

As crianças ensinadas em idade precoce geralmente se beneficiam das seguintes maneiras: habilidades sociais aprimoradas, menos ou nenhuma necessidade de instrução de educação especial durante os anos escolares subsequentes, melhores notas e maior capacidade de atenção. Da mesma forma, alguns pesquisadores concluíram que as crianças matriculadas em escolas de educação infantil geralmente terminam o ensino médio, frequentam a faculdade, têm menos problemas de comportamento e não se envolvem com o crime na adolescência e na idade adulta jovem.

Durante os primeiros três anos de vida de uma criança, ocorre o desenvolvimento cerebral e neural essencial. Portanto, as crianças se beneficiam muito ao estarem na educação infantil.

A EDUCAÇÃO INFANTIL E A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

A contação de histórias na educação infantil é usada nas salas de aula para ajudar as crianças a desenvolver habilidades de linguagem oral. As crianças em idade pré-escolar, especialmente, podem se beneficiar da contação de histórias, porque suas habilidades linguísticas não são avançadas o suficiente para um ambiente formal de sala de aula. Ao contar histórias, os alunos aprendem a juntar palavras e frases em parágrafos e frases lógicas. A construção de habilidades linguísticas é um objetivo importante da contação de histórias na sala de aula e pode aumentar a confiança das crianças em sua capacidade de se comunicar.

A história é um alimento da imaginação da criança e precisa ser dosada conforme sua estrutura cerebral. Sabemos que o leite é um alimento indispensável ao crescimento sadio. No entanto, se oferecermos ao lactante leite deteriorado

ou em quantidade excessiva, poderão ocorrer vômitos, diarreia e prejuízo à saúde. Feijão é excelente fonte de ferro, mas nem por isso iremos dar feijão a um bebê, pois fará mal a ele. Esperamos que cresça e seu organismo possa assimilar o alimento. A história também é assimilada de acordo com o desenvolvimento da criança e por um sistema muito mais delicado e especial. (COELHO, 1998, p. 14).

Contar histórias pode ensinar as crianças a ouvir e pode melhorar sua compreensão de leitura. As habilidades de escuta são aprimoradas à medida que as crianças tentam entender as histórias de seus colegas. Além disso, a narração de histórias na pré-escola pode facilitar a transição para o aprendizado de disciplinas avançadas, apresentando aos alunos novos modelos e conceitos desconhecidos, enfatizando a importância de ouvir e entender.

Na sala de aula, a contação de histórias pode ser usada para ajudar os alunos a entender o mundo ao seu redor, ensinando-os a criar mundos complexos com personagens complexos. Os professores podem usar histórias para ajudar as crianças a entender o medo, o amor, a amizade, a diversidade e outros conceitos complexos que não são facilmente explicados. Contar histórias pode ensinar as crianças sobre motivações e empatia por meio da consideração dos pensamentos e ações dos personagens. Os pré-escolares podem superar a timidez contando histórias na sala de aula para seus colegas.

Ninguém tem que ser obrigado a ler nada. Ler é um direito de cada cidadão, não é um dever. É alimento de espírito. Igualzinho a comida. Todo mundo deve ter a sua disposição e boa qualidade, variada, em quantidades que saciem a fome. Mas é um absurdo impingir um prato cheio de comida pela goela abaixo de qualquer pessoa. Mesmo que se ache que o enche aquele prato é a iguaria mais deliciosa do mundo. (MACHADO, 2002, p. 15).

Os alunos que participam da contação de histórias desenvolvem a criatividade. Contar histórias exige que os alunos criem imagens com base em coisas que viram ou imaginaram. Criar histórias estimula a imaginação e incentiva as crianças a considerar o mundo ao seu redor, ensinando-as a combinar conceitos familiares de maneiras novas e diferentes. Ao incorporar vozes lúdicas ou gestos dramáticos, os pré-escolares aprendem a avaliar a reação do público e modificar suas histórias de acordo.

A AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Os afetos são os sentimentos que temos em relação aos outros (afeição, amor, amizade, divergência, tristeza, etc.). São inerentes às pessoas, claro, não podemos separá-las do indivíduo, todos convivemos com esses sentimentos. Portanto, poderíamos dizer que o desenvolvimento afetivo é um processo de evolução de algumas qualidades inatas do ser humano (qualidades com as quais nascemos).

O desenvolvimento dessas qualidades é necessário e ao mesmo tempo fundamental que ocorre de forma positiva, pois as pessoas convivem em sociedade, interagem constantemente com outras e estabelecem vínculos de natureza afetiva diversa, incluindo figuras de apego em

nossas vidas. A qualidade das relações e vínculos será determinada pelo desenvolvimento afetivo que cada pessoa tem.

A missão ampliada das escolas de educação infantil, seria tornar-se um agente da sociedade para garantir que as crianças aprendam essas lições essenciais da vida.

A preocupação com o desenvolvimento emocional da criança pequena resultou em propostas nas quais, principalmente nas creches, os profissionais deveriam atuar como substitutos maternos. Outra tendência foi usar o espaço de educação infantil para o desenvolvimento de uma pedagogia relacional, baseada exclusivamente no estabelecimento de relações pessoais intensas entre adultos e crianças. (BRASIL, 1998, p.18).

As crianças são formadas com valores antes mesmo de seu nascimento, seus pais já expressam seus valores e pensamentos que terão importância na criação dos filhos.

Muitas investigações atuais coincidem em afirmar que uma criança que recebe um bom tratamento durante sua primeira infância, tem a garantia de boa saúde física e emocional ao longo de sua vida.

De acordo com Piaget (1976):

(...) vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas. E são inseparáveis porque todo intercâmbio com o meio pressupõe ao mesmo tempo estruturação e valorização. Assim é que não se poderia raciocinar, inclusive em matemática, sem vivenciar certos sentimentos, e que, por outro lado, não existem afeições sem um mínimo de compreensão (1976, p. 16).

Não podemos ignorar que o ser humano nasce em um estado completamente indefeso e por muito tempo depende da atenção de outras pessoas, tanto para comida quanto para mover-se, manter-se aquecido ou defender-se de qualquer perigo. Com a ajuda do meio ambiente a criança constrói sua inteligência emocional.

Por outro lado, a falta de afeto é muito difícil de detectar porque é intangível, porque não é produzido da noite para o dia. Há pais que nunca levantaram a mão para seus filhos ou filhas, mas podem causar-lhes muito dano se usarem frequentemente a ironia, desqualificar e ignorar suas opiniões. Essas crianças vão acreditar que cada adulto vai reagir como seus pais, que vão rir com eles, é muito possível que essas crianças aprendam a se relacionar desta forma com os outros e repetir o mesmo comportamento.

O bebê nasce com uma série de comportamentos cujo objetivo é gerar comportamentos paternos. Assim o reflexo sorri, a sucção, a choro, a necessidade de ser embalada, etc, respondem à sua forma de vínculo com seus pais/cuidadores. todo o seu repertório comportamento é focado em manter a proximidade com o seu pai/cuidador, ou seja, sua figura de apego.

O desenvolvimento da pessoa como um ser completo não ocorre de forma linear e contínua, mas apresenta movimentos que implicam integração, conflitos e alternâncias na predominância dos conjuntos funcionais. No que diz respeito à afetividade e cognição, esses conjuntos

revezam-se, em termos de prevalência, ao longo dos estágios de desenvolvimento. Nos estágios impulsivo-emocional, personalismo, puberdade e adolescência, nos quais predomina o movimento para si mesmo (força centrípeta) há uma maior prevalência do conjunto funcional afetivo, enquanto no sensório-motor e projetivo e categorial, nos quais o movimento se dá para fora, para o conhecimento do outro (força centrífuga), o predomínio é do conjunto funcional cognitivo. (2008, apud FERREIRA; ACIÓLY-RÉGNIER, 2010, p. 4)

A escola como instituição deve enfatizar sua função educativa para contemplar o desenvolvimento integral dos alunos, o que envolve trabalhar indistintamente duas dimensões: a emocional-afetiva e a cognitiva. O professor deve colocar à disposição dos alunos os recursos e estratégias necessários para lidar com as situações cotidianas, administrar conflitos e frustrações, conviver, desenvolver a autoestima, buscar soluções etc., ou seja, que sua responsabilidade como professor transcenda o que é meramente acadêmico e intelectual, tendo que assumir funções de educador emocional, fornecendo modelos afetivos que reforçam ou são alternativos ao que os alunos trazem consigo. Para isso, o corpo docente deve não apenas ser formado na seleção cultural estabelecida pela Administração Educacional, mas também ser qualificado para ser emocionalmente competente e, por meio da proposta curricular que funciona em sala de aula, ser capaz de desenvolver competências socioculturais, emocionais e cognitivas dos alunos.

Assim, a educação emocional deve ser considerada como um processo educativo, contínuo e permanente, que visa potenciar o desenvolvimento emocional como complemento essencial ao desenvolvimento cognitivo, pelo que deve estar presente ao longo de todo o currículo académico, constituindo ambos os elementos. Essa concepção envolve o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades emocionais, a fim de capacitar o indivíduo a enfrentar melhor os desafios que surgem no cotidiano.

Segundo Pino (2000, p. 128):

Os fenômenos afetivos representam a maneira como os acontecimentos repercutem na natureza sensível do ser humano, produzindo nele um elenco de reações matizadas que definem seu modo de ser no mundo. Dentre esses acontecimentos, as atitudes e as reações dos seus semelhantes à seu respeito são, sem sombra de dúvida, os mais importantes, imprimindo às relações humanas um tom de dramaticidade. Assim sendo, parece mais adequado entender o afetivo como uma qualidade das relações humanas e das experiências que elas evocam (...). São as relações sociais, com efeito, as que marcam a vida humana, conferindo ao conjunto da realidade que forma seu contexto (coisas, lugares, situações, etc.) um sentido afetivo" (idem, p. 130-131).

É evidente que para responder às exigências do quadro legislativo e para que a escola possa exercer a sua função educativa, os profissionais da educação infantil devem sentir-se emocionalmente competentes, de forma a enfrentarem o seu trabalho profissional com inteligência emocional e saberem gerir o clima da sala de aula, conflitos, buscar soluções, projetar espaços seguros para os alunos, criar

ambientes de aprendizagem emocionalmente ricos, promover relacionamentos seguros, etc. Para que esses professores consigam enfrentar essas demandas, é necessário que eles possuam um equilíbrio emocional e habilidades socioafetivas que lhes permitam enfrentar com serenidade, sem se sentir sobrecarregados, culpados ou esgotados, as situações adversas e imprevisíveis com as quais eles são confrontados.

A escola de educação infantil em particular, está passando por muitas transformações que estão modificando o contexto de trabalho, o trabalho do corpo docente e o tipo de relações que nele se estabelecem. A diversidade de situações familiares existentes na sala de aula pode tornar o trabalho educativo mais complexo, devendo ser realçada a dimensão emocional para dar aos alunos ferramentas, desde cedo, para que aprendam a gerir estas situações do cotidiano.

O DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Para Mora (2004), o desenvolvimento psicomotor é iniciado a partir do vínculo com a mãe, na vida intrauterina, onde começam as primeiras experiências de sensação de movimento, que permitem ao ser humano realizar atividades e satisfazer suas necessidades. O feto começa a tomar consciência do próprio corpo, exercendo pressão contra as paredes uterinas, ao mobilizar suas extremidades, proporcionando uma retroalimentação sensorial tátil e proprioceptiva. Após o nascimento, o bebê continua explorando seu corpo com o mundo ao seu redor, e vai tomando consciência de que possui um corpo e que poderá utilizá-lo ao longo dos processos psicomotores.

De acordo com Silva (2013, p. 11)

O desenvolvimento motor tem uma ordem a ser seguida, a cada idade temos um estágio diferente para ser superado, com o conhecimento desses estágios podemos organizar planos de ensino fazendo com que a criança evolua com mais facilidade, respeitando o seu limite tanto físico como mental.

Le Boulch (1988) considera a motricidade como um fator relevante para o desenvolvimento mental, portanto a psicomotricidade é a base para o aprendizado escolar, pois ela pode promover o desabrochar humano, no desenvolvimento das funções motoras e nas relações desta com as funções mentais. Ajudando o aluno a alcançar um desenvolvimento global, o que o preparará para uma aprendizagem mais satisfatória.

A relação entre movimento e aprendizagem se da complementarmente, onde o corpo e a mente devem se articular como um todo, com o intuito de aliar o saber com os movimentos psicomotores, proporcionando assim um desenvolvimento significativo, tendo consciência das possibilidades de agir e transformar sua realidade, em uma relação saudável de domínio corporal, pensamento, ação e cognitivo.

A psicomotricidade é a relação da ação motora com os aspectos afetivos, cognitivos e sociais. Analisa o homem em uma relação entre pensamentos e ações, englobando funções neurofisiológicas e psíquicas, criando uma relação entre a

ação motora e os aspectos afetivos, cognitivos e sociais. De acordo com Assunção e Coelho (2006), a psicomotricidade é a educação do movimento com atuação sobre o intelecto, em uma relação entre pensamento e ação, possuindo uma dupla finalidade: assegurar o desenvolvimento funcional, levando em conta as possibilidades da criança, e ajudá-la a expandir sua afetividade e equilibrar-se, por meio da interação com o ambiente humano.

Haetinger (2005) entende que a percepção espacial e a representação mental necessária à escrita e leitura estão associadas à psicomotricidade. E assim sendo, as escolas devem oferecer desde o início da escolarização o desenvolvimento psicomotor, favorecendo aos educandos outros meios para o processo de ensino aprendizagem, como na aquisição da escrita.

Ainda segundo o mesmo autor a psicomotricidade é uma área de estudo multidisciplinar, pois, estuda o movimento humano relacionado ao ambiente, à cognição, à emoção e as significações, no qual cada movimento está associado ao seu contexto.

Fonseca (2008) realizou testes em pré-escolares do ensino fundamental de 1ª a 4ª série, utilizando a Escala de Desenvolvimento Motor – E.D.M, mostrando que a quantidade de atividade física que a criança exerce fora e dentro de casa, com intervenção de um profissional da Educação Física e dos pais quando estão em casa, pode influenciar no desenvolvimento motor da criança. Afirmando a importância do educador físico nessas series inicias, auxiliando a criança a adquirir as informações motoras com mais facilidade e aprendendo a executar de uma forma correta (FONSECA, 2008 apud

SILVA, 2013, p. 14)

A psicomotricidade auxilia no movimento consciente e a escrita conjectura um desenvolvimento motor adequado, portanto as habilidades motoras de coordenação motora geral e especifica, esquema corporal, lateralidade, discriminação auditiva e visual, e a organização tempo-espacial são essenciais para a aprendizagem da escrita. De acordo com Fávero e Calsa (2003), a prática das atividades psicomotoras promove o movimento consciente, auxiliando a criança na interação com o mundo por meio da ação, utilizando-se dos movimentos e gestos, contribuindo para o desenvolvimento integral e as aprendizagens.

De acordo com Le Boulch (1988), a estrutura da educação psicomotora é a base fundamental para o processo intelectivo e de aprendizagem, pois o desenvolvimento motor sempre evolui do geral para o especifico, e muitas crianças encontram dificuldades no cotidiano escolar pelo fato de não ter desenvolvido suas habilidades motoras.

Em pesquisas realizadas por Cunha (1990) confirmaram que alunos com bom nível de desenvolvimento psicomotor, são os mesmos que apresentam resultados significantes na aprendizagem da escrita. Já Oliveira (1992) realizou um estudo no qual comprovou que crianças com dificuldades de aprendizagem que foram submetidas a um trabalho de reeducação psicomotora, apresentaram melhorias no desempenho escolar.

Furtado (1998), em seu estudo sobre as relações entre desenvolvimento

motor e a aprendizagem da leitura e escrita, concluiu que ao provocar o aumento do potencial psicomotor da criança, proporcionam-se também condições favoráveis para a alfabetização. De acordo com Colevati et al (2009), é necessário ter a psicomotricidade como o ponto de partida, uma ação preventiva que venha evitar problemas como a desconcentração, confusão no reconhecimento de palavras, confusão com letras e silabas e outras dificuldades de alfabetização.

Na pesquisa realizada pelos autores supracitados, a psicomotricidade tem relevante função na aprendizagem da escrita, e que as dificuldades de aprendizagem podem estar relacionadas ao baixo desenvolvimento motor.

A educação pelo movimento deveria ser constituída nas escolas como aliada aos processos de aprendizagem, permitindo, prevenir diferentes problemas de aprendizagem, inadaptações e até mesmo melhorar problemas físicos estruturais do sujeito com dificuldades de aprendizagem.

Para Mora (2004), no processo de ensino aprendizagem são utilizados elementos básicos da psicomotricidade, tais como: lateralidade, orientação espacial e temporal, esquema corporal e coordenação motora. Esses elementos auxiliam para um bom desenvolvimento da aprendizagem, sabendo que, se o indivíduo tiver um déficit em algum deles, poderá ter dificuldades na aquisição da linguagem verbal e escrita, além de direcionamento errado das grafias, trocas e omissões de letras, ordenação de silabas e palavras, dificuldade no pensamento abstrato e lógico.

Ainda de acordo com a mesma autora, o desenvolvimento psicomotor contribui para que o indivíduo tenha um bom crescimento na área cognitiva, na linguagem, no social e no emocional.

Freire (1996) afirma que é necessário ter uma relação entre a ação física e cognitiva, para se estabelecer a associação na qual ocorra o desenvolvimento das habilidades e competências da criança, tornando-a um sujeito ativo não apenas no ato físico, como mera reprodução, mas promovendo a reabilitação e promoção de saúde, isto é, a criança resgata sua autonomia e reconstrói seus repertórios e sua subjetividade participando ativamente das ações e reflexões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade atual em que vivemos revive a importância da educação infantil, mudando seus objetivos, na forma de ver os pequenos, passando de desenvolver os aspectos biológicos, sociais e afetivos das crianças, para vê-las como pessoas ativas e protagonistas de sua vida.

Na etapa da educação infantil, são lançadas as bases de todo o sistema educacional. Os pequenos constroem suas primeiras identidades a partir das atividades educativas que são programadas na escola, são atendidos, claro, pela escuta atenta oferecida pelos grandes profissionais que amam seu aprendizado, ajudando-os a desenvolver suas habilidades, acompanhando-os com gestos de carinho, ternura e compreensão do caminho que nossos alunos irão percorrer.

Não podemos ignorar, é claro, as relações entre família e escola. Ambas as

instituições devem caminhar como dadas, não da mesma forma, participando ativamente da educação escolar de meninos e meninas e fazendo com que se sintam responsáveis pelas atividades que estão programadas no nível central. Atualmente, o papel da mãe também mudou e a creche facilita sua inserção no mundo do trabalho alterando o esquema familiar clássico.

Durante os primeiros anos de vida da criança, a personalidade do futuro adulto se configura através das experiências pelas quais passa durante seu processo de amadurecimento; nas aquisições motoras, intelectuais e emocionais.

Da mesma forma, a educação infantil é uma resposta intencionalmente educativa às necessidades de atenção à primeira infância no mundo moderno. Mas, justamente por isso, não podemos nos limitar àqueles meninos e meninas cujo país está funcionando e não podemos cuidar deles. Pelo contrário, não deve ser entendido como um direito que todas as crianças ou crianças tenham a possibilidade de participar nas diferentes situações educativas que ocorrem no núcleo familiar e que, obviamente, servem para promover o seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AROEIRA, Maria Luísa Campos. Didática de pré-escola: vida da criança: brincar e aprender. SP: FTD, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação

Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

/Ministério da Educação e do Desporto. Vol.1. Brasília: MEC\SEF, 1998.

COELHO, Bethy. Contar histórias: uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 1996.

DIDONET, Vital. Educação Infantil. Humanidades, Brasília, n, 43, 1991, p. 89-98.

FERREIRA, A. L.; ACIOLY-RÉGNIER, N. M. Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação. Curitiba: Editora UFPR, 2010. FONSECA, V. Desenvolvimento Psicomotor e Aprendizagem. Porto Alegre,

Artmed, 2008.

FRIDEMAN, Adriana. O que é Infância? Pátio Educação Infantil. Porto Alegre: ano II,Nº6,Dez 2004/Marc 2005.

LE BOULCH, Jean. Educação Psicomotora: a psicocinética na idade escolar.

Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

MACHADO, Ana Maria. Textura: sobre leitura e escritos. RJ. Nova Fronteira, 2002.

PINO, A. (1997) O biológico e o cultural nos processos cognitivos, em Linguagem, cultura e cognição: reflexão para o ensino de ciências. Anais do encontro sobre Teoria e Pesquisa em ensino de ciências. Campinas: gráfica da Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, p. 5-24.

SILVA, Daniel Araújo. A importância da psicomotricidade na educação infantil.

Brasília: UniCEUB, 2013. Dis-